



.XXXIII

Ara funerária da Quinta do Freixo
(Benafim, Loulé)

José d'Encarnação*
Maria José Gonçalves**

Resumo

Dá-se a conhecer, numa primeira abordagem, um singular epitáfio romano procedente do sítio arqueológico da Quinta do Freixo (Benafim, Loulé) inscrito numa ara de calcário regional, que se expõe no Museu Municipal de Arqueologia de Silves. Ainda que não se possa incluir na categoria dos epitáfios métricos, a extensão do texto e a ocorrência de palavras como *puella*, *similis* e *iuventutis* conferem-lhe relevante importância cultural – a ser considerada.

Résumé

On étudie, dans un premier abord, l'épithaphe romain inscrit sur un autel de calcaire local, trouvé à Quinta do Freixo (Benafim, Loulé) – d'où sont déjà connus d'autres vestiges de l'occupation romaine –, aujourd'hui exposé au Musée d'Archéologie de la ville de Silves.

De lecture et interprétation difficiles, dû au mauvais état de la surface inscrite, le texte configure, néanmoins, la dédicace de *Tiberius Honorius Rufus* (?) à son épouse. La remarquable extension du texte (9 lignes, au moins) et la présence de mots comme *puella*, *similis* e *iuventutis* nous permettent, dès maintenant, de lui attribuer une relevante importance culturelle.

* Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (jde@fl.uc.pt)

** Gabinete de Arqueologia, Conservação e Restauro da Câmara Municipal de Silves (maria.goncalves@cm-silves.pt)

deliberação camarária de 5 de Março de 1973¹ (fig. 2). Esteve na sala da Biblioteca e expõe-se, agora, no Museu Municipal de Arqueologia.

De calcário regional, encontra-se partida em dois fragmentos. Falta-lhe o capitel, certamente cortado aquando da reutilização da peça numa construção, o que também lhe provocou escoriações várias e o natural desgaste da superfície epigrafada, que apenas deixou mais legível a última linha dentro do campo epigráfico e a fórmula final (fig. 3).

Ostenta ainda, porém, boa parte da fina molduração que lhe limitava o campo epigráfico (quatro toros, um dos quais em jeito de corda) assim como deixa antever o que seria a profusa molduração da base: a uma faixa reversa seguem-se dois filetes separados por ranhuras, terminando numa espécie de bocel reverso. Aí acabou o lapicida por

Provém da Quinta do Freixo (Benafim, Loulé) (fig. 1) uma ara funerária romana, doada à Câmara Municipal de Silves por vontade do benemérito silvense, Manuel de Sousa (1904-1973), aceite por



Fig. 1 – Localização da Quinta do Freixo

¹ Junta-se cópia do articulado da acta camarária onde se refere tal aceitação.

Acta da reunião extraordinária da Câmara Municipal de Silves realizada no dia 5 de Março de 1943.

— Ao cinco dias do mês de Março de mil novecentos e quarenta e três, nesta Câmara Municipal, edifício do Paço do Concelho e sala das reuniões reuniram-se pelas onze horas e quinze minutos a Câmara Municipal do Concelho de Silves sob a Presidência do Excelentíssimo Senhor Salvador Gomes Vilariuho, Presidente da mesma Câmara, estando presentes os Senhores José Duarte dos Santos Vitegião, na qualidade de Vice-Presidente e Vereadores Senhores Manuel Martins Correia, João Salgueiro Brígida e António Estrelita das Neves Secretários Francisco Manuel Pereira Ribeiro, chefe da Secretaria que está nesta publicação.

— Aberta a reunião a Câmara deliberou considerar como justificada a falta do Vereador Senhor Luís José Queiroz Mattos que por motivo de férias não pôde comparecer a esta reunião.

Resolução da Câmara de Actos Arqueológicos — Pelo chefe da secretaria foi a Câmara informada de que o filho do falecido Sr. Manuel de Sousa, pretendia, bem como os restantes membros da família a desejo formulado por seu pai de doar ao Município os achados arqueológicos que ao longo de muitos anos foram por ele recolhidos como um amante que foi da arqueologia e da história, principalmente no tocante à cidade de Silves. Deliberou então a Câmara, por unanimidade, agradecer tanto dignamente e informar de que se irá solicitar à Direcção-Geral do Egiptismo e Monumentos Nacionais a construção das instalações adequadas pelo mesmo departamento a Museu e Biblioteca da cidade após o que se procederá ao recebimento daqueles achados.

Fig. 2 – Cópia de excerto da acta da reunião do executivo municipal



Fig. 3 – Ara da Quinta do Freixo depositada no Museu Municipal de Arqueologia de Silves

gravar a fórmula final. Ou seja, pela tipologia, o monumento integra-se, de pleno direito, nas epígrafes romanas conhecidas da região².

A decoração existente na frente da ara estende-se para as faces laterais: dois toros, um cordão e um toro (de cima para baixo). Ainda nas laterais, é visível sobre o conjunto decorativo referido, uma concavidade com cerca de 3 cm de largura, rasgada no sentido vertical. A parte posterior não ostenta qualquer decoração; é, aliás, muito irregular, deixando dúvidas sobre se alguma vez o monumento foi acabado ou se se encontra há demasiado tempo desprovido de parte significativa dessa face, dado que a patine é muito semelhante à da frente e muito diferente de todas as outras fracturas, que denotam, de forma evidente, serem mais recentes, embora não todas da mesma altura.

Dimensões: (42,8) x 33 x 26.

Campo epigráfico: (28,3) x 21,8

[D(is) · M(anibus) · S(acrum)] [?] / [...] / QVAE
VIXIT LXXV (*quinque et septuaginta*) ANN(os) /
TIB(erius) HONORIVS RVFVS / ⁵ VXORI MERENTIS
S(imae) PRIMAE [?] / IVVENTVTIS SORV [...] RDEO [...] /
ADQII AETIRIS · IV [...] / COSTER ITAN [...] / PVELLA
MOS [?] [...] L [...] O / SIBI SIMILEM PRONNOMEN [?]
// H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

Consagrado aos deuses Manes (?). Aqui jaz (...), que viveu setenta e cinco anos. Tibério Honório Rufo à esposa modelo de merecimento (...) da juventude (...) donzela (...) semelhante a si (...). Que a terra te seja leve!

Altura das letras: 2,5; espaços interlineares: 1.

Caracteres bem esguios, acentuadamente acutuários, quase como se tudo tivesse sido gravado «à mão levantada». Notem-se: o M, cujos vértices ficam bem abaixo do limite superior da linha; o B e

o R de traçado sinuoso; as brevíssimas barras horizontais do T; o travessão oblíquo do A...

Sem contar a linha final, inserida já na moldura da base, como vimos, temos, assim, um texto com nove linhas visíveis, bem paginadas. Pensamos que poderia ter existido uma primeira, com a habitual invocação aos deuses Manes.

Na l. 2 – a 1ª visível no monumento – estaria a identificação da defunta, de mui difícil decifração, dado que a fractura levou a quase totalidade das letras.

Na l. 3, a indicação da idade parece ler-se com alguma facilidade, embora haja, naturalmente, dúvidas quanto ao número: certezas apenas em relação aos dois XX.

A l. 4 conterà a identificação do dedicante com os *tria nomina*. A interpretação TIB(erius) para o *praenomen* pressupõe que houve distração e se escreveu S em vez do T. O nome que propomos ler como gentílico, *Honorius*, não está, ainda, documentado, que saibamos, nessa qualidade, a não ser como nome imperial³. RVFVS (com nexo RV), por seu turno, é *cognomen* muito frequente na epigrafia peninsular e da Lusitânia (Navarro Caballero e Ramírez Sádaba 2003: 286-287).

Na l. 5, lê-se bem VXORI MERENTISS(imae), com nexos ME. Pareceu-nos que o superlativo poderia estar grafado por extenso, mas há demasiado espaço após os dois SS e, com certa iluminação, a palavra PRIMAE surge como possível a seguir, ainda que, de momento, se desconheça em que contexto é utilizada, nomeadamente por, na linha seguinte, claramente se ler IVVENTVTIS («da juventude»). Aliás, essa e as três linhas subsequentes, conterão frases de elogio à beleza e às virtudes da defunta, provavelmente havendo referência às diferentes épocas da sua vida, pois – para além da alusão à juventude (entendida também, naturalmente, como qualidade de espírito) – regista-se a ocorrência da palavra PVELLA, «donzela», no início da l. 9, de raro uso em epítáfios e, de resto, na linguagem epigráfica

² Vide, a título de exemplo, Encarnação 2008. Ai se faz referência, aliás, aos vestígios romanos desta Quinta do Freixo, sítio a necessitar, por conseguinte, de uma exploração arqueológica sistemática. No texto de 2006, José d'Encarnação chamara também a atenção para a singularidade decorativa dos monumentos epigráficos romanos do Algarve.

³ A pesquisa à base de dados epigráficos da Península Ibérica <http://www.ubi-erat-lupa.austrogoat.at/hisp/ep/public/index.php> confirmou-nos essa inexistência.

também⁴. Esse elogio parece coroar-se na última linha do campo epigráfico, em que a expressão.

I. 10 SIBI SIMILEM, «semelhante a si» – embora ainda se não haja encontrado explicação para o que vem a seguir e que parece de leitura clara (PRONNOMEN, com provável nexu EN) –, se poderá entender como dependente de uma expressão anterior de conotação bem positiva: ninguém se lhe poderá comparar (fig. 4)!⁵

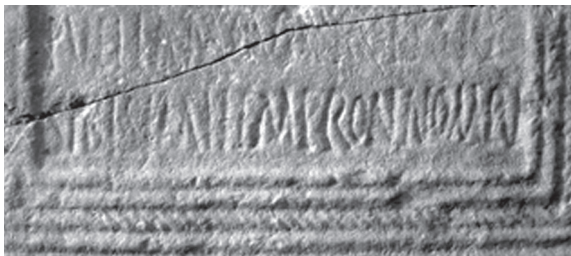


Fig. 4 – Duas últimas linhas do campo epigráfico

A extensão do texto e o seu carácter invulgar levou-nos, inclusive, a pôr a hipótese de estarmos perante um epitáfio métrico. Consultado por nós, Joan Gómez Pallarès, de Barcelona⁶, foi peremptório:

«Creo sinceramente que ni por el texto que leo ni por la compaginación que presenta éste dentro del campo epigráfico NO se puede decir que se trata de un poema. Lo poco que se lee, además, no permite reconstruir ninguna secuencia métrica».

Refira-se, contudo, a expressão «hunc sortita locum miserae sunt ossa puellae sedibus aeternis», “deste lugar saíram os ossos da mísera donzela para os assentos etéreos”, que se documenta em dois textos de poesia funerária (quicá copiado um do outro), mas, segundo os estudiosos, inspirada em Ovídio e em Propércio⁷.

Em todo o caso, pelo que já se conseguiu decifrar, trata-se, sem dúvida, de um monumento

notável, quer pela tipologia (que se adivinha originalmente esbelta) quer, sobretudo, pela utilização de vocábulos fora do comum num mero epitáfio. Tenha falecido com propecta idade ou com apenas 25 anos (que é outra hipótese de interpretação), o certo é que o texto deixa bem patente não apenas a saudade (e a cultura) do esposo como também a singularidade da figura feminina que evoca.

Pelo tipo de letra, pelo uso do superlativo e igualmente tendo em conta a complexidade do texto, somos de parecer que será datável de finais do século II da nossa era.

Bibliografia

ABASCAL Palazón, J. M. (1994) – *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Múrcia.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2006) – «La persistence esthétique africaine dans la décoration des monuments épigraphiques romains de l'Algarve», *L'Africa Romana*, 16, Roma, p. 1939-1944.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2008) – «Epígrafes romanas de Loulé – histórias antigas por desvendar!», *al-'ulyà* (Revista do Arquivo Municipal de Loulé), 12, p. 23-33.

NAVARRO Caballero, M. e Ramírez Sádaba, J. L. [coord.] (2003) – *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*. Mérida-Bordéus.

PALLARÈS, J. G. (2002) – *Poesia Epigráfica Llatina als Països Catalans – Edició i Comentari*. Barcelona.

Agradecimentos

A João Rocha de Sousa pelas informações prestadas acerca de seu pai, Manuel de Sousa.

A Joana Pires e Ricardo Nascimento – Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

A Luísa Pereira e Eulina Pinheiro – Arquivo Histórico Municipal de Silves.

⁴ De acordo com a base de dados atrás citada, o vocábulo ocorrerá 13 vezes na epigrafia peninsular romana e uma em epitáfio cristão. Surge como antropónimo, surge como nome comum em textos jurídicos e em escritos de conotação erótica, mas também em *carmina* funerários.

⁵ *Similis* regista-se, na epigrafia peninsular, como *cognomen* (três testemunhos, a darmos crédito a Juan Manuel Abascal Palazón (1994: 513). Há, porém, a expressão *nemo tui similis*, “ninguém é semelhante a ti”, numa epígrafe métrica de Tarragona (*Hispania Epigraphica* 12, 2002, 396).

⁶ Joan Gómez Pallarès é o epigrafista peninsular que, recentemente, mais se tem dedicado ao estudo dos epitáfios métricos. Cfr., a título de exemplo, *Poesia Epigráfica Llatina als Països Catalans – Edició i Comentari*, Barcelona, 2002.

⁷ Vide *Hispania Epigraphica*, 10, 2000, n° 669 e 12, 2002, n° 140.